História da Arte

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

Material Teórico

Arte, Razão e Poder – Grécia, Roma e Arte Bizantina

Responsável pelo Conteúdo:
Profa. Ms. Rita Cassia Garcia Jimenez

Revisão Textual:
Profa. Ms. Luciene Oliveira da Costa Santos

UNIDADE Arte, Razão e Poder – Grécia, Roma e Arte Bizantina

- Introdução
- Grécia
- Roma
- Arte Bizantina

Objetivo de APRENDIZADO

Nesta unidade, você entrará em contato com a produção artística desenvolvida nas Antigas Civilizações Grega e Romana e também com a luxuosa Arte Bizantina.

Tópicos de aprendizagem

- Como a razão e o poder exerceram influência sobre a arte.
- As principais características artísticas.
- Obras que se destacaram e que são marcos dessas civilizações.

Para que você tenha um ótimo aproveitamento é importante que você leia o texto com bastante atenção, mais de uma vez, destacando as informações mais importantes. Observe bem as imagens apresentadas, pois elas ilustram as principais informações do texto e poderão ajudá-lo(a) no entendimento dos principais conceitos.

Veja a apresentação narrada com slides, assista à vídeo-aula e à representação visual que fizemos do conteúdo. Dessa maneira, você entrará em contato com o material de diversas formas e poderá absorver as informações com maior facilidade.

Não se esqueça de fazer as atividades. Esta unidade possui um exercício de múltipla escolha de autocorreção e uma atividade dissertativa, a qual você deverá fazer buscando respondê-la com suas próprias palavras. A sua resposta terá um peso considerável na sua média.

Lembre-se de que, além de você poder se avaliar quanto à sua aprendizagem, essas atividades são pontuadas e possuem prazos para a realização.

Contextualização

Aproveite esta unidade para obter informações sobre a produção artística desenvolvida nas Civilizações Antigas na Grécia e em Roma, que deram grande importância para a construção, sistematização e propagação do conhecimento através da razão. Além disso, compreenda a Arte Bizantina que se desenvolveu de forma luxuosa no ano 330, data da fundação da cidade de Constantinopla, até 1453 quando foi tomada pelos turcos.

Esperamos que você aprenda muito com este material e que ele possa ajudá-lo(a) em questões futuras.

Introdução

A produção artística da humanidade tem oscilado, de tempos em tempos, entre a razão e a emoção. Parece que depois de um período, ao esgotar-se, volta-se para o outro extremo.

A produção artística desenvolvida na Grécia e na Roma antigas, conhecida como arte clássica se refere a um conjunto de obras que foram criadas segundo padrões surgidos a partir de um conhecimento estético adquirido pelo homem antigo, como harmonia, proporção, beleza e técnica.

A compreensão do mundo, o que era e como era, podia ser explicado através do pensamento do homem, considerado naquele momento o centro do universo. A razão estava acima da magia e da fé, fenômenos totalmente abstratos e inexplicáveis.

O poder também interferiu nas criações artísticas desde a antiguidade, fazendo-a servir de instrumento para propagar ideias e conceitos ao adotar os temas políticos. A arte é um meio de comunicação, mas naquele tempo era o principal deles.

A formação heterogênea dos povos antigos é um fator importante para a frequente disputa de poder. A Grécia se formou do encontro de diferentes povos – dórios, jônios, aqueus e eólios – vindos de variadas localidades. Com o passar do tempo, falaram o mesmo idioma e se uniram por uma única cultura, mas apesar disso, "as velhas lealdades tribais continuaram a dividi-los em cidades-estados" (JANSON; JANSON, 1996, p. 46), fazendo-os rivais como já visto nas lendárias guerras entre Atenas e Esparta.

Já os romanos tinham na alma muita vontade, energia e coragem para serem os melhores. A aldeia de pastores e agricultores, se tornou rapidamente o maior império por nada menos que setecentos anos. Essa conquista lhes permitiu chamar o Mar Mediterrâneo de *mare nostrum,* nosso mar, já que as terras conquistadas chegaram a circundá-lo. Fortes, determinados e muito organizados, eles tinham o melhor exército, derrotado apenas após a tomada pelos turcos em 1453.

Na Arte Bizantina, referente à produção artística do Império Oriental Romano, não foi diferente em nenhum dos aspectos. As composições seguiam padrões rígidos, com a finalidade de informar sobre a autoridade do imperador, suas funções políticas e religiosas, deixando claras as complexas relações que mantinha com ambas.

Grécia

Conhecida desde a antiguidade por Hellas e oficialmente por República Helênica, seu território se localiza no Sudeste da Europa e é banhado pelo Mar Egeu, Mar Jônio e Mar Mediterrâneo.

De origem anterior a 2.000 a.C., o período entre 1500 a. C. e 800 a.C. ficou conhecido como **Micênico** ou **Homérico**, já que os poemas de Homero ilustram com detalhes esse momento histórico.

Você Sabia ?

O poeta Homero escreveu, entre outros, dois poemas épicos. A **Ilíada**, que narra os acontecimentos do nono ano da guerra de Troia, consequência da ira de Aquiles, e a **Odisseia**, que é a continuação do poema anterior, quando o herói Odisseu retorna à sua cidade natal, Ítaca.

Os habitantes da ilha de Creta são apontados como os primeiros habitantes da região. Ficaram conhecidos como um povo alegre, festivo e amante da liberdade e pela cultura minoica e arte egeia desenvolvida por eles, da qual resultou uma produção de obras notáveis, na pintura, na escultura e na arquitetura, como os monumentais palácios luxuosamente decorados.

Figura 1: Salto sobre o touro. C. 1500 a.C. Afresco.
Fonte: Olaf Tausch/Wikimedia Commons.

Você Sabia ?

Os habitantes da ilha de Creta dedicavam-se ao comércio marítimo e criaram uma cultura própria na qual a fertilidade masculina era simbolizada pela forma animal do touro, por sua força física. Participava dos sacrifícios e rituais, juntamente com os homens, nos jogos realizados nos pátios dos grandes palácios. Foi representado muitas vezes em objetos, esculturas e afrescos.

A produção artística grega inicial, chamada de **estilo arcaico** – c. 750 até 480 a.C., foi fortemente influenciada por outras civilizações como a egípcia, entre os séculos VII a VI a.C., mas aos poucos desenvolveu um estilo próprio em conformidade com a sua cultura e contexto.

Escultura

No período Arcaico, os gregos seguiram o padrão técnico egípcio de representação: o artista fazia abordagens frontais e laterais do bloco de mármore até que chegassem aos limites da figura. Dessa forma de construção, nasciam figuras de grande rigidez e imobilidade, o que fazia muito sentido para as grandes esculturas egípcias que serviam de morada para o *ka*, a alma do morto.

O nome ***kouros*** significa jovem de pé e se referia à escultura de uma figura masculina. Não era uma pessoa em especial, mas simplesmente um jovem nu, que representava um tipo ideal de beleza, em pleno vigor da forma física. Na Grécia, era comum encontrá-la em túmulos e templos, mas o mais interessante é que seguia um padrão de representação. Todas essas esculturas eram muito parecidas.

Semelhantes às figuras egípcias, o *kouros* grego era um jovem de pé em posição rígida, que olhava para frente, com os braços junto ao corpo e com as mãos fechadas. Seus ombros eram largos, a cintura fina e a perna esquerda sempre estava à frente com uma rótula bem marcada.

Atenção

Como dissemos anteriormente, a produção artística grega se desenvolveu e criou um estilo próprio.

Ainda que suas esculturas de corpo humano desse período mostrassem vestígios do bloco cúbico, ao contrário da escultura egípcia, a parte posterior do bloco passou a ser trabalhada e a figura se desprendeu da parede, ganhando detalhes na parte de trás. As figuras gregas começaram a apresentar uma intenção de movimento, talvez porque devessem parecer mais próximas da figura humana viva, já que não estavam presas nem às questões religiosas e muito menos a padrões a serem seguidos. É possível notarmos uma tensão, que até então não existia, através de olhos mais abertos e do famoso sorriso arcaico.

Figura 2: Kouros, jovem de pé. Século VII a.C.
Fonte: Ricardo André Frantz/Wikimedia Commons.

Figura 3: Kore, versão feminina do Kouros.
Fonte: Sailko/Wikimedia Commons

Kore é o termo usado para designar a versão feminina do *kouros*. As principais diferenças na representação é a utilização das vestes e o uso de um bloco cilíndrico, mais coerente com o corpo curvilíneo da mulher

O estudo da anatomia do corpo humano, ainda nesse período, fez surgir um tipo de representação mais natural e menos rígida. As orelhas, olhos e rótulas, por exemplo começaram a ganhar vida; os braços e as pernas tornaram-se extensões naturais do corpo e o cabelo deixou de parecer uma cabeleira.

Na representação das estátuas femininas, as roupas lisas tornaram-se drapeadas, deixando transparecer uma nova compreensão do corpo por baixo do vestuário. Neste momento, o artista quebrou a simetria perfeita entre os dois lados do corpo, ao apresentar a figura com as mãos em posições diferentes.

Figura 4: Hera de Samos. Século VI a.C., mármore.
Fonte: Wikimedia Commons.

O segundo estilo artístico é o **Clássico** – de 480 até 323 a.C. – período também conhecido como de Péricles, nome de um político que se destacou por incentivar as artes e por levar a cidade de Atenas ao seu apogeu.

Grandes avanços na construção da escultura podem ser notados, principalmente na forma humana.

Figura 5: Jovem de pé - Éfebo de Kritios. C. 480 a.C., mármore.
Fonte: Marsyas/Wikimedia Commons.

Foi nesse período que o escultor Krítios descobriu uma forma de construir o corpo humano de uma maneira mais natural. Surgiu o **contraposto,** uma postura que tornava a escultura mais parecida com um corpo que tem flexibilidade e molejo. Isso significava arqueamento do joelho direito, deslocamento sutil da pélvis e arqueamento da coluna vertebral com uma leve inclinação dos ombros.

Os jogos olímpicos influenciaram muito a criação de esculturas de jovens com corpos atléticos.

Figura 6: Discóbolo, Miron. C. 450 a.C., mármore.
Fonte: Museu Nacional de Roma.

A fragilidade da pedra e a confiança dos escultores na confecção de posições corporais cada vez mais audaciosas foram os principais fatores para a **utilização do bronze** partir do século V a. C. Nesse processo, o escultor começava fazendo um modelo de argila que lhe permitia experimentações e correções até chegar à forma desejada. Podia, assim, acrescentar curvas e ajustar contornos de uma forma que o mármore não permitia. Essa técnica deu aos escultores a oportunidade de criar detalhes. A resistência do material possibilitou a produção da figura humana em posições complexas demais para serem feitas no mármore por causa da sua fragilidade. Nesse período, nasceram obras excepcionais e cheias de movimento.

Figura 7: Estátua de Zeus ou Posêidon. C. 460 a.C., bronze.
Fonte: Barcex/Wikimedia Commons.

As esculturas ganham realismo através da expressividade nos rostos, dos corpos jovens e atléticos em diversas posições, quebrando o rigor da frontalidade das antigas estátuas e podendo ser admiradas por diversos ângulos.

O acabamento dado às esculturas de mármore era uma pintura realista. Já nas esculturas de bronze era feito um tipo de polimento que se assemelhava à cor da pele. Nos olhos incrustavam-se pedras coloridas e pestanas de arame e os lábios e mamilos eram decorados com o cobre vermelho.

É no terceiro e último estilo, o **Helenístico** – c. 323 a 31 a.C. –, que a emoção aparece através dos dramas que as esculturas representam. No lugar de corpos idealizados, podemos ver a feiura e a velhice, assim como a dor e o sofrimento. Essa dramaticidade vai além da tensão indicativa do movimento, cenas inteiras parecem se desenvolver diante dos olhos do espectador.

Figura 8: Laocoonte e seus filhos. Séc. I a.C., mármore.
Fonte: Sailko/Wikimedia Commons.

As expressões faciais e os corpos retorcidos da obra *Laocoonte e seus filhos* transmitem o drama dos personagens que parecem estar desesperados e cheios de medo.

São características dessas esculturas: a preferência pela representação do corpo humano, sendo menos frequentes os animais ou outros motivos decorativos; naturalismo da figura humana; a busca da proporcionalidade e do equilíbrio; a policromia e o uso do mármore e do bronze.

Pintura e Cerâmica

O pouco que sabemos sobre a pintura grega se deve ao fato de grande parte das pinturas murais terem desaparecido com as destruições causadas pelas guerras.

Os vasos de cerâmica feitos tanto para ornamentação, como para armazenamento de itens como água, vinho, azeite e mantimentos revelaram um grande primor na sua elaboração, não apenas em relação à forma, mas também nas pinturas feitas em seu exterior.

É esse tratamento externo que nos dá indícios sobre a pintura desenvolvida pelos gregos. Em geral, representavam cenas da vida cotidiana e da mitologia. São três os estilos conhecidos na pintura dos vasos:

Geométrico – surgido por volta de 800 a. C. Inicialmente, caracterizava-se pelos desenhos abstratos de figuras geométricas, como triângulos, losangos e círculos. Com o tempo, as composições tornaram-se mais complexas e variadas, aparecendo figuras humanas em cenas bem elaboradas.

Figura 9: Vaso Dipylon.
Fonte: Inyucho/Wikimedia Commons.

Figura negra - Exéquias foi o pintor que mais se destacou na técnica da figura negra. A silhueta das figuras era pintada de negro, fazendo forte contraste com o fundo castanho-avermelhado dado pela cor natural do barro utilizado. Os detalhes surgiam da incisão de uma ferramenta pontiaguda sobre a superfície preta, deixando transparecer a cor do fundo.

Figura 10: Vaso de cerâmica. homens jogando dados.
Fonte: Museu do Vaticano.

Figura vermelha – Cerca de 500 a.C., Psíax desenvolveu uma técnica oposta ao da figura negra. Neste estilo, as figuras têm a cor original do barro, sendo o fundo pintado de negro. Estas figuras mais claras pareciam ter ainda mais naturalidade do que as figuras no estilo negro. Os detalhes eram pintados com pincel fino para que as linhas fossem mais flexíveis e mais fluidas.

Figura 11: Vaso de cerâmica. Sappho and Phaon. 470 a.C.
Fonte: Wikimedia Commons.

Arquitetura

Ao contrário do que podemos pensar, os templos eram construídos para abrigar as esculturas dos deuses gregos e não tinham a função de reunir fiéis como as igrejas. As três ordens arquitetônicas gregas – Dórica, Jônica e Coríntia – surgiram a partir do século VII a.C. e são identificadas pelas plataformas de degraus, tipo de colunas e entablamentos.

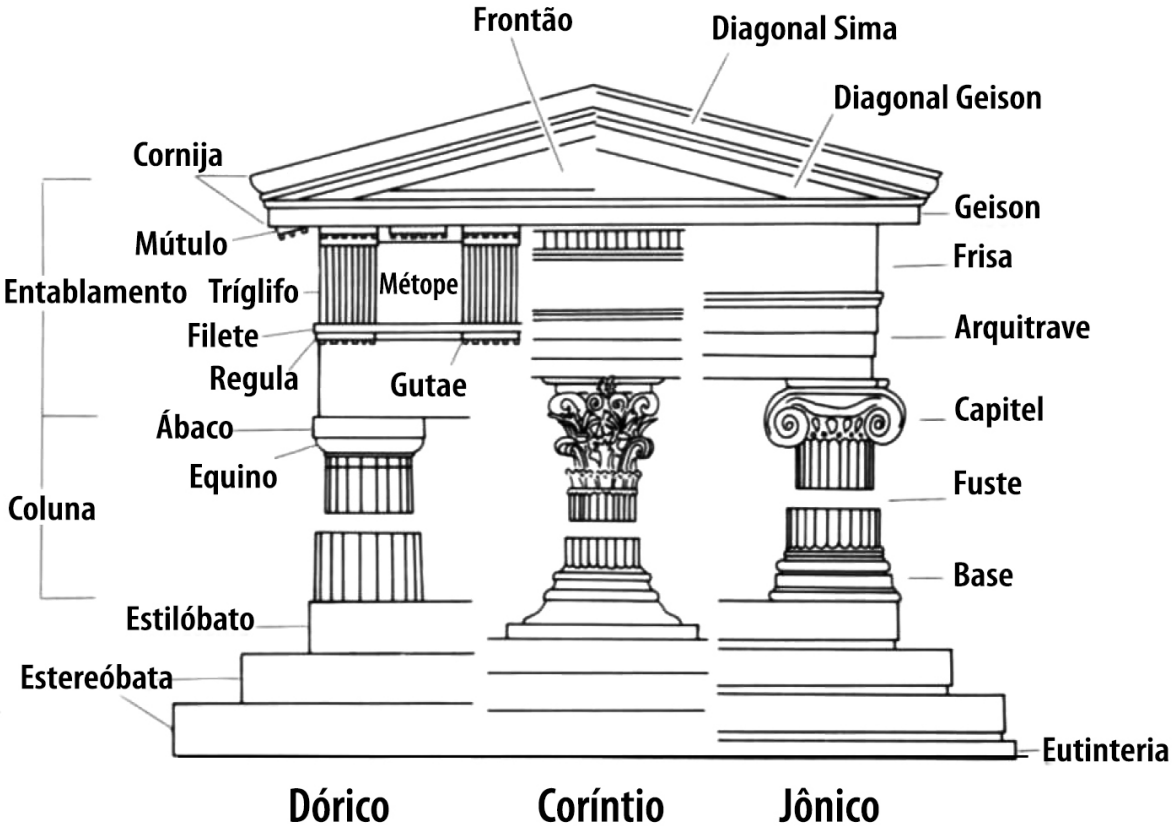

Figura 12: Representação gráfica das ordens gregas arquitetônicas.
Fonte: Carol Strickland, THE ANNOTATED MONA LISA, 1992, p. 26.

Ordem Dórica – 600 a. C. – na mais simples das ordens, a coluna possui um fuste formado por sessões com estrias verticais, apoiado diretamente na estilóbata e um capitel retangular e simples, que sustenta uma arquitrave lisa. Sobre ela ficam o friso e a cornija.

Figura 13: Templo Parthenon.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

Ordem Jônica – 450 a. C. – mais leve e ornamentada que a ordem dórica, seu fuste é de menor diâmetro, com maior quantidade de caneluras e apoiada em uma base ornamental. Possui um capitel ornamentado e formado por duas volutas; sua arquitrave é dividida em três partes e os frisos e métopas eram esculpidos em relevos.

Figura 14: Templo de Atena.
Fonte: Rafael da Silva/wikimedia Commons.

Ordem Coríntia – 400 a. C. – variante da anterior, seu fuste tinha um diâmetro menor e seu capitel era ornamentado com folhas de acanto. Foi muito utilizado nas construções do período Helenístico.

Figura 15: Templo. Ordem Coríntia.
Fonte: A. Savin/Wikimedia Commons

A cobertura dos templos gregos era simples, de duas águas e feita de madeira. Seu frontão triangular era ornamentado com esculturas. Sua planta era simétrica, com seu núcleo dividido em três partes: o pórtico de entrada, pronau; o núcleo, local onde ficavam as divindades, nau; e os fundos, epistódomo.

Você Sabia ?

Tanto homens como mulheres usavam uma túnica, chamada de quitão, presa à cintura com um cinto. A maior parte era feita com lã de carneiro, pois apenas os ricos podiam comprar as de linho ou algodão.

Roma

Guerreiros, os romanos em pouco tempo conquistaram todas as cidades ao redor do Mar Mediterrâneo. O respeito pela cultura do inimigo e a integração dos povos conquistados foi o fator primordial para seu crescimento e fortalecimento.

Você Sabia ?

A fundação da cidade de Roma em 753 a.C. está ligada à lenda da Loba Capitolina. Virgílio, em seu poema épico chamado **Eneida**, datado de I a.C., conta que o rei Numitor e sua filha, Silvia Reia, foram aprisionados por Amúlio, irmão do rei. O rei Marte, ao saber que a princesa estava presa em uma torre, vai ao seu encontro e a engravida de gêmeos. Amúlio coloca os bebês em uma barca e os lança no rio Tibre, mas são encontrados por uma loba, que os amamenta. Um casal encontra Remo e Rômulo, que crescem e enfrentam o rei Amúlio, fundando a cidade de Roma, em 753 a.C.

Figura 16: Loba Capitolina. C. 1484-96 a.C., bronze.
Fonte: Serge Melki/Wikimedia Commons.

Roma foi fortemente influenciada pela cultura dos gregos e etruscos que moravam na Itália entre os séc. XII e VI a.C. Dos gregos herdou o ideal de beleza e dos etruscos dois elementos importantíssimos para a arquitetura: o arco e a abóbada.

Admiravam tanto a arte grega, que colecionavam os originais e faziam reproduções para decorar as suas ricas moradias. Incorporaram as obras gregas, e seus artesãos ensinavam suas técnicas e copiavam os originais. Muitas obras que originalmente são gregas, apenas sobreviveram ao tempo através das cópias romanas.

Escultura

Apesar da importação das esculturas e do grande número de cópias feitas dos originais gregos, os romanos desenvolveram um estilo próprio.

Quando um chefe de família morria, era encomendado uma cópia de seu rosto em cera para ser preservada. Era uma forma de manter viva na memória a imagem dos antepassados e transmitir a ideia de continuidade das famílias. A fragilidade do material fez com que essas peças desaparecessem com o tempo.

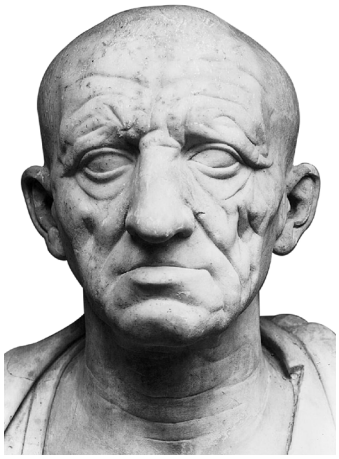

Figura 17: Retrato de um romano. C. 80 d.C., mármore.
Fonte: Wikimedia Commons.

Como o poder era um bem maior para esse povo, uma das funções da estatuária era retratar os governantes com características físicas que transmitissem uma personalidade forte e austera. Retratavam os políticos de forma fiel, realçando suas rugas e marcas de expressão que evidenciassem uma grande preocupação e seriedade com o seu governo. No lugar do ideal de beleza dos deuses gregos, surgiu a escultura realista. Esculturas de governantes com semblantes impiedosos e realistas marcaram a era republicana.

Já no período do Império, as expressões austeras deram lugar a semblantes mais suaves. "Os retratos dos imperadores como o de Trajano deram início à moda de semelhanças mais heróicas e idealizadas" (JANSON; JANSON, 1996, p. 74). A imagem criada para essas pessoas deviam transmitir as qualidades idealizadas dos deuses, de forma a dar segurança a seu povo. Diante de um desafio, uma batalha ou entrave político, o governante teria calma e sabedoria suficientes para resolvê-lo.

Quando pensamos nas esculturas gregas e romanas, as imagens que surgem são de obras em mármore, totalmente brancas. Na verdade, elas eram pintadas, como mostra a imagem a seguir. A pintura, por ser um acabamento delicado e o pigmento utilizado pouco resistente, se desgastou até desaparecer quase totalmente. Um olhar um pouco mais atento pode descobrir pequenos resquícios de tinta nas peças.

Fonte: Thinkstock/Getty Images

Fonte: VignaClaraBlog.it

Figura 18 e 19: Estátua de Augusto de Prima Porta. C.20 a.C., mármore.

saiba

A maioria das obras romanas originais se basearam em modelos gregos, como é o caso da escultura de Augusto. A posição escolhida pelo escultor é a mesma da obra grega Dorífero de Policleto, agora com as roupas e as feições do imperador e um braço e um olhar direcionado a seu povo.

Figura 20: Dorífiro, Policleto. C. 440 a.C., mármore.
Fonte: Marie-Lan Nguyen/Wikimedia Commons.

Os relevos narrativos, era uma outra forma de representação. As figuras eram esculpidas na pedra, porém com pouca altura e sem abordagem em sua parte posterior. Para os romanos, era uma forma de perpetuar as lembranças de fatos importantes, como os ocorridos durante a guerra, a vida dos imperadores e os personagens mais importantes do período imperial.

Você Sabia ?

Os gregos também fizeram relevos escultóricos para adornar objetos e decorar sua arquitetura, mas deram preferência aos temas mitológicos.

A coluna de Trajano, é um bom exemplo de arquitetura adornada com relevo narrativo. Em mármore, com aproximadamente 38 metros de altura e 4 metros de diâmetro, tem toda sua face externa esculpida com figuras em baixo-relevo. A história da guerra entre romanos e dácios, liderada por Trajano, é contada de forma circular, em um total de vinte e duas voltas.

Figura 21: Coluna de Trajano, vista geral e detalhes. C. 110 a 113 d.C. Roma.
Fonte: Wkight94/Wikimedia Commons.

Pintura

A pintura romana era feita sobre as paredes com a técnica do afresco, na qual o artista aplicava a tinta sobre uma camada ainda úmida de gesso, tornando-a parte da estrutura.

A destruição causada pela erupção do monte Vesúvio, em 79 d.C., é uma das causas de sabermos tão pouco sobre as pinturas romanas. Partes preservadas e descobertas posteriormente, informam sobre sua origem, função e qualidade. Essas pinturas faziam parte da decoração interna dos edifícios e podiam ser apreciadas em painéis que recobriam suas paredes, no final do período republicano até o período do império, adotando os princípios e temáticas gregas dos períodos Clássico e Helenístico.

Figura 22: Afresco romano. Casa na Vila dos Mistérios, Pompeia.
Fonte: Martin Herbst/Wikimedia commons.

Segundo estudiosos, a pintura dos afrescos romanos pode ser dividida em quatro tipos: a pintura das paredes imitando o mármore; a criação de painéis como janelas, que criam a sensação de saliência e profundidade, nas quais aparecem figuras de animais e cenas cotidianas realistas; pinturas delicadas e cheias de detalhes; e, por fim, o quarto tipo que é uma síntese dos anteriores, como a sala da casa dos Vetti em Pompeia.

Também foram encontrados retratos em miniaturas pintadas em vidro do século III d.C. e imagens de pessoas mortas sobre seus sarcófagos.

Arquitetura

Os romanos aprenderam muito sobre construção arquitetônica com os etruscos e deles herdaram os arco de plena volta e o sistema de construção de abóbadas, o que permitiu a criação de enormes espaços cobertos. Construíram edifícios públicos e privados como casas, templos, termas, aquedutos, mercados e prédios governamentais.

Figura 23: Ponte-du-Gard, França.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

Os templos romanos, ao contrário dos gregos, eram erguidos num plano mais elevado, sendo a entrada feita por uma escadaria diante da fachada frontal, o que a tornava mais imponente. Além disso, os edifícios deviam ser grandes pois abrigavam um grande número de pessoas para a adoração de deuses, solução de problemas administrativos ou ainda para a diversão.

O **Panteão** é um templo dedicado a todos os deuses, construído em Roma, durante o reinado do imperador Adriano. De planta circular, concilia a arquitetura grega e romana, tanto em seu aspecto exterior como interior.

Figura 24: Panteão - vista externa e interna. 118 a 125 d.C. Roma.
Fonte: Jean-Pol Grandmont, Juan Francisco Adame Lorite/Wikimedia Commons.

Um átrio cheio de colunatas leva a um pórtico de onde se abrem as portas para seu belo interior, pleno de delicada leveza, totalmente contrastante com a sobriedade da sua fachada externa. Seu espaço interno possui proporções de um equilíbrio perfeito.

Dos teatros e anfiteatros, o mais conhecido da época romana é o **Coliseu**, do final do período republicano, construído bem no centro de Roma. De formato elíptico e com capacidade para 50 mil espectadores, servia para distrair as pessoas com lutas entre gladiadores, pobres cristãos, escravos e animais selvagens. Sua fachada inteira foi construída com arcos e abóbodas. "O exterior, monumental e cheio de dignidade, reflete as subdivisões do interior, mas é revestido e enfatizado por pedra lapidada" (JANSON; JANSON, 1996, p.71).

Figura 25: Coliseu – vista externa e interna. 72 a 80 d. C. Roma.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

As casas romanas possuíam uma planta retangular com a porta de entrada localizada em um dos lados de menor tamanho, que levava a um átrio. Do lado oposto à porta ficava o quarto principal. Na parte de trás da moradia, havia o peristilo, como nas casas gregas, uma espécie de espaço retangular aberto, circundado por um corredor cheio de colunas que levam para outros cômodos.

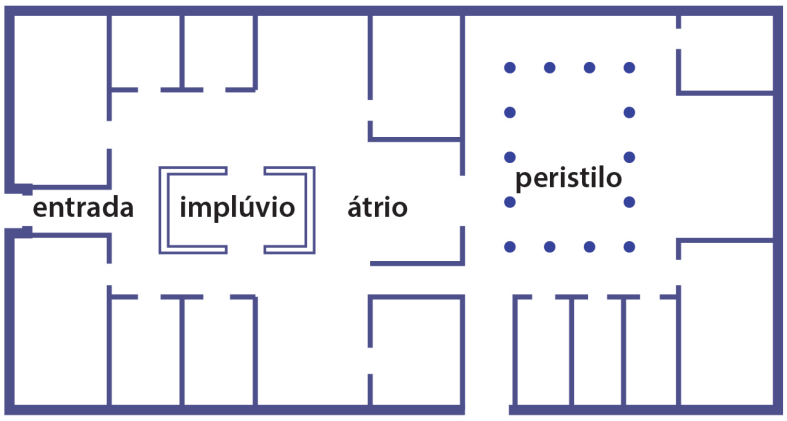

Figura 26: Planta de uma casa romana antiga.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

Muitos dos edifícios romanos eram decorados com mosaicos, cheios de realismo e imaginação, feitos com pedaços de mármore. As composições combinavam formas e cores com muita criatividade para representar a fauna, a cultura e as cenas diárias.

Figura 27: Piso em mosaico. Sítio arqueológico de Volubilis, Marrocos.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

Arte Bizantina

Muitos acontecimentos políticos e religiosos, no século IV, acarretaram importantes mudanças para o Império Romano. Em 323 d.C. o imperador Constantino transferiu a capital de Roma para a cidade de Bizâncio, fundando, em 330, a cidade de Constantinopla. O imperador Teodósio, em 395, dividiu o Império em duas partes – Ocidental, com capital em Roma e Oriental, com capital em Constantinopla e oficializou o Cristianismo como religião do Império.

Figura 28: O Cristo bom pastor. Catacumbas Priscila, Roma.
Fonte: Wikimedia Commons.

saiba

Quando o culto ao Cristianismo não era permitido, os cristãos se encontravam em catacumbas para discutir as questões da nova religião. Nesses lugares, começaram a surgir pinturas nas paredes que ilustravam as passagens do evangelho. Os pintores dessas imagens, em geral, eram pessoas comuns do povo e não especialistas, o que fica evidente nos afrescos. As composições são simples e pouco elaboradas, sem profundidade, detalhes anatômicos e pouca variação de cor. Essa produção artística ficou conhecida como **Arte Paleocristã**.

A capital do lado oriental estava localizada em local privilegiado, entre a Europa e Ásia, no estreito de Bósforo, o que lhe permitiu enriquecer com o trânsito obrigatório de mercadorias e se defender de invasões.

Figura 29: Mapa do domínio territorial do Império Romano.
Fonte: Wikimedia Commons.

Enquanto do lado ocidental havia o imperador e um líder espiritual, o papa, do lado oriental havia apenas o imperador, que era tanto representante político como espiritual do povo.

A produção artística do lado oriental ficou conhecida como **Arte Bizantina**, "que tinha um objetivo: expressar a autoridade absoluta do imperador, considerado sagrado, representante de Deus e com poderes temporais e espirituais" (PROENÇA, 2007, p. 47).

Nas imagens encontradas dessa época, o imperador é representado com uma auréola sobre sua cabeça e acompanhado tanto dos membros da igreja, como de soldados. No mosaico bizantino *Justiniano* e sua corte, o imperador aparece no centro da imagem segurando com as mãos uma bandeja com pão, representando a figura do Cristo. Ele está de frente, com o olhar fixo e uma postura rígida, levando "o observador a uma atitude de respeito e veneração" (PROENÇA, 2007, p. 48). A cor dourada simbolizava o ouro e a riqueza e justifica o título dado a essa época de a Idade do Ouro.

Figura 30: Justiniano e seu séquito. C. 547 a 548 d.C. Mosaico. Igreja de São Vital, Ravena.
Fonte: Wikimedia Commons.

O mosaico bizantino, aplicado em paredes e abóbodas de igrejas, utilizava materiais diferentes e mais sofisticados do que os romanos, pois usavam pequenas peças de pasta de vidro colorido, madrepérolas e pedras preciosas coloridas variadas, ao invés de pedaços de mármore. Apresentam figuras e símbolos que transmitem a fé cristã, mostrando cenas da vida de Cristo, dos profetas e do imperador.

O imperador Justiniano, dividiu seu reinado com sua esposa, a imperatriz Teodora. No mosaico *Imperatriz Teodora com seu séquito e damas da corte,* suas vestes requintadas e de cor exuberante, seu colar de pérolas e a faixa ornamental sobre sua cabeça mostram a hierarquia social existente no império. Aparece com uma auréola, pois era considerada uma pessoa sagrada.

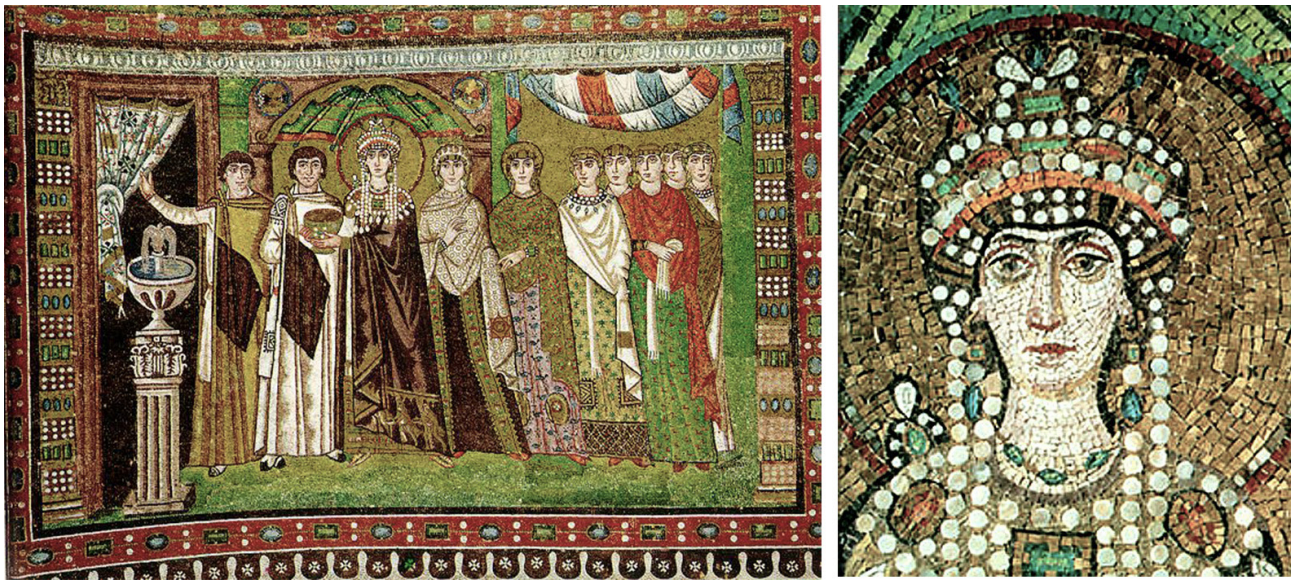

Figura 31: Justiniano e seu séquito. C. 547 a 548 d.C. Mosaico. Igreja de São Vital, Ravena.
Fonte: Wikimedia Commons.

Pintura

O ícone bizantino, surgido no século V, é uma pintura extremamente elaborada e suntuosa que mostra as figuras sagradas do evangelho como o Cristo, a Virgem, os santos e mártires. A técnica do afresco ou encáustica era aplicada sobre uma base de madeira ou metal, podendo ser revestida com folhas de ouro e com incrustações de pedras preciosas. Muitos ícones recebiam joias reais para conferir um aspecto ainda mais luxuoso.

Figura 32: Madona entronizada. Final do século XIII. Têmpera sobre painel.

saiba

A têmpera é uma técnica que foi muito utilizada pelos artistas até o surgimento da tinta a óleo. Consiste em misturar os pigmentos à gema de ovo para se obter a tinta. Já na encáustica, o artista mistura o pigmento à uma cera derretida, obtendo uma tinta espessa com acabamento fosco.

Em 726, a questão iconoclasta proibiu o uso de imagens religiosas, o que reduziu enormemente a produção da pintura e da escultura. Porém, em 843, com a vitória dos iconófilos, há uma retomada da arte, cujo período ficou conhecido como a Segunda Idade do Ouro. Nesse momento, surge "um classicismo que se fundiu harmoniosamente com o ideal espiritualizado de beleza humana [...]" (JANSON; JANSON, 1996, p.100).

Figura 33: Detalhe do capitel da igreja de Santa Sofia, Istambul.
Fonte: Giovanni Dall'Orto/Wikimedia commons.

O que conhecemos da escultura nesse período é a sua aplicação na arquitetura, como os baixos-relevos feitos em capitéis que sustentam arcos e abóbodas herdados da arquitetura grega e romana.

Arquitetura

As construções de planta redonda e com um domo central são tradicionais nessa região desde o imperador Constantino, mas "a partir de Justiniano, as igrejas abobadadas e de plano central passariam a dominar o mundo da Cristandade ortodoxa [...]" (JANSON; JANSON, 1996, p. 97).

A igreja de Santa Sofia, foi construída no reinado de Justiniano e talvez seja a melhor forma de exemplificar o quanto a arte Bizantina é suntuosa. Sobre sua planta quadrada encontra-se uma imensa cúpula circundada por várias outras, sustentadas por quatro arcos. Sua nave central é circundada por colunas com capitéis coríntios. "O revestimento de mármore e mosaicos e a sucessão de janelas e arcos criam um espaço interno de grande beleza" (PROENÇA, 2007, p. 49).

Figura 34: Igreja de Santa Sofia – vista externa e interna. 532 a 537 d.C. Istambul.
Fonte: Thinkstock/Getty Images.

A maior parte das majestosas construções dessa época se encontram na cidade italiana de Ravena, como San Vitale e San Apollinaire in Classe. O fato se deve a Justiniano querer reunificar o Império novamente. A cidade de Ravena foi reconquistada em 540 e se tornou um local de muita importância no lado ocidental.

Material Complementar

Gladiador

Direção/Roteiro: Ridley Scott.
Origem: Estados Unidos.
Duração: 154 minutos.

Sinopse:

O ano é 180 e o general romano Máximo (Russel Crowe), servindo ao seu imperador Marco Aurélio (Richard Harris), prepara seu exército para impedir a invasão dos bárbaros germânicos. Durante o combate, Máximo fica sabendo que Marco Aurélio, já velho e ciente de sua morte, quer lhe passar o comando do Império Romano. A trama onde Cômodo (Joaquin Phoenix), filho do imperador, mata o pai, assumindo o comando do Império, não é historicamente verídica. Na verdade, Cômodo assumiu quando seu pai morreu afetado por uma peste, adquirida durante uma nova campanha no Danúbio. Enquanto Cômodo assume o trono, Máximo que escapa da morte, torna-se escravo e gladiador, travando batalhas sangrentas no Coliseu, a nova forma de divertimento dos romanos. Máximo, disposto a vingar o assassinato de sua mulher e de seu filho, sabe que é preciso triunfar para ganhar a confiança da plateia. Acumulando cadáveres nas arenas, o gladiador luta por uma causa pessoal, de forma quase que solitária e leva benefícios ao povo, submetido pela política do "pão e circo". "Nesta vida ou na próxima eu terei minha vingança". Máximo sabe que o controle da multidão será vital para que possa arquitetar sua vingança, que culmina em um combate com o próprio Cômodo.

300

Direção/Roteiro: Zack Snyder.
Origem: Estados Unidos.
Duração: 117 minutos.

Sinopse:

O rei Leônidas (Gerard Butler) e seus 300 guerreiros de Esparta lutam até a morte contra o numeroso exército do rei Xerxes (Rodrigo Santoro). O sacrifício e a dedicação destes homens uniu a Grécia no combate contra o inimigo persa.

A Queda do Império Romano

Direção/Roteiro: Anthony Mann.
Origem: Estados Unidos.
Duração: 172 minutos.

Sinopse:

No auge da expansão geográfica do império romano, o general Lívio (Stephen Boyd) comanda a nova política do imperador Marco Aurélio (Alec Guinness), que quer a pacificação de fronteiras e a adoção para os povos conquistados uma certa autonomia. Mas Marco Aurélio acaba envenenado por Commodus (Christopher Plummer), filho ilegítimo que assume o trono e mergulha Roma no caos político e administrativo, o que dá origem à queda do Império Romano.

Roma – série de TV
Direção/Roteiro: Michel Apted, Allen Coulter, Alan Poul, entre outros.
Origem: Reino Unido/Estados Unidos.
Duração: 90 minutos.

Sinopse:

A vida dos grandes imperadores e de pessoas comuns e os principais fatos históricos no final da República Romana.

Referências

GOMBRICH, Ernest Hans Josef. **História da arte.** São Paulo: LTC, 2000.

JANSON, H.W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à história da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PROENÇA, Graça. **História da arte.** São Paulo: Editora Ática, 2007.

ARTE: o guia visual definitivo/ consultor editorial Andrew Graham-Dixon. São Paulo: Publifolha, 2012. Vários Colaboradores.

Anotações

Educação a Distância
Cruzeiro do Sul Educacional
Campus Virtual

www.cruzeirodosulvirtual.com.br
Campus Liberdade
Rua Galvão Bueno, 868
CEP 01506-000
São Paulo SP Brasil
Tel: (55 11) 3385-3000

Universidade Cruzeiro do Sul

UNICID Universidade Cidade de S. Paulo

UNIFRAN Universidade de Franca

UDF Centro Universitário

Módulo Centro Universitário